

Arthur Bispo do Rosário: uma unidade de alta complexidade

Alda de Moura Macedo Figueiredo ¹

A vida segue um curso comum para praticamente todos os seres humanos: nascer, crescer e morrer, um cotidiano que persegue suas vidas anos e anos. Nas primeiras décadas do século XX, numa cidadezinha do interior no nordeste brasileiro, essa rotina era ainda mais enraizada. O que mais havia lá eram pobres, negros, catequizados, descendentes dos ex-escravos de uma alforria recente. Arthur Bispo do Rosário fazia parte desse grupo que trabalhava para viver e vivia para trabalhar. Como muitos jovens, ingressou na Marinha e deu continuidade a sua vida longe de suas origens, na cidade grande, mais precisamente no Rio de Janeiro.

A trajetória de Bispo do Rosário foi desviada do caminho esperado pelos seus, a loucura e a arte lhe abriram uma nova porta. Hoje o mundo o conhece, não pela loucura, mas pela arte que o motivou a viver. Para Bispo criar e viver se interligavam.

A independência criativa dentro de uma instituição teoricamente rígida, fez de Arthur Bispo do Rosário um interno atípico e um artista incomum; ele rompeu a invisibilidade que o manicômio impunha a seus internos, ao serem reduzidos a números em prontuários, apesar de conquistá-la ao se isolar criando uma rotina particular dentro de sua clausura.

A provocação é olhar para Arthur Bispo do Rosário pelo viés da estranheza que o acompanhou. Homem que, por caminhos estranhos, dedicou quase toda sua vida à arte, em uma missão inesperada e em um endereço mais que inusitado. Arte que agora é entendida como Arte Contemporânea, uma arte que comunga com o seu tempo mesmo enclausurada na Colônia Juliano Moreira por cinquenta anos, mais uma estranheza. Para sustentar todo esse complexo inesperado propõe-se como pilar a Teoria das Estranhezas, uma teoria que procura dar conta do novo, do inaugural, do que provoca um colapso no equilíbrio e na estabilidade existentes.

A análise foi baseada no dialeto da Teoria das Estranhezas, que consiste em uma linguagem teórica não redutora, para entender Bispo do Rosário, fazendo da totalidade sofisticada e simples de sua obra uma unidade de alta complexidade dividida por vários mosaicos de isomorfos, porém, interdependentes.

A teoria começará a ser exposta pela propriedade de afinidade global, como explicado pelo autor da teoria, Professor Ued Maluf, com uma citação de Albert, D.Z. (2002, p. 62):

é perfeitamente possível que alguma coisa, que ocorra numa região A, possa exercer, de um modo instantâneo, um efeito físico sobre outra região B, pouco

importando quão distantes estejam entre si essas regiões A e B. Tal influência é, completamente, independente das condições existentes no espaço entre A e B.

É possível aplicar a propriedade de afinidade global da seguinte maneira: região A para Bispo do Rosário na Colônia Juliano Moreira e a região B para todo o universo da Arte Contemporânea no Brasil e no mundo. Independente das condições existentes no espaço entre A e B, espaço esse físico e intelectual, houve um efeito físico do ocorrido na região A sobre a região B. O que comprova a aplicabilidade dessa propriedade para Bispo do Rosário é a presença de algumas de suas obras na LXVI Bienal de Veneza, essa não-localidade fez de sua obra algo ainda mais inaugural.

Seguindo o dialeto da Teoria das Estranhezas, pode-se dizer que toda a obra de Arthur Bispo do Rosário forma uma unidade de alta complexidade (a representação do todo), dessa unidade é possível dar ênfase às diversidades constitutivas, fala-se então em mosaico de isomorfos – o que não quer dizer que o mosaico não seja uma unidade – o mosaico de isomorfos estará sempre ligado ao todo, à unidade de alta complexidade, caracterizando a propriedade de inseparabilidade, uma liberdade interdependente.

Dessa unidade de alta complexidade muitos mosaicos de isomorfos são facilmente identificáveis: a coleção de cetros e faixas de misses, as assemblages, os ORFAs (objetos recobertos com fio azul), estandartes, fardões e o Manto da Apresentação.

O material peculiarmente utilizado por Bispo do Rosário se apresenta como os isomorfos do mosaico. Isomorfos são constituídos por protomorfos (P) e idiomorfos (I), o primeiro é algo original, no exercício de sua função original, e o segundo é o resultado da transformação reversível não-fechada que consiste em preservar a originalidade dos protomorfos, sob múltiplos formatos, distintos, singulares. Então, há algo comum (P) que se diferencia (I), sendo que, aquilo que se diferencia num formato singular passa a constituir o isomorfo.

O universo de Bispo comove pela força poética extraída das banalidades. Coisas de uso cotidiano, comum, coisas triviais, quase vulgares; protomorfos submetidos à transformação aparecem em sua obra com seriedade como idiomorfos catalogados para apresentar a Deus.

A relação de objetos (protomorfos) retirados de sua originalidade, de maneira reversível não-fechada (pois, caracteriza uma transformação reversível, porém, sempre impregnada de influência, herança), a serviço de Arthur Bispo do Rosário é enorme, como: a madeira das caixas de feira e cabos de vassoura, o tecido vem de lençóis e cobertores do hospício, a linha azul é desfiada dos uniformes. Utilitários de plástico, copos, cestos, garrafas; canecas e talheres de metal; produtos de uso pessoal descartáveis, como canetas esferográficas, isqueiros, pentes, aparelhos de barbear; peças de carros e outras máquinas desfeitas; peças de vestuário, calçados; ferramentas; brinquedos de plástico; moedas; embalagens de alimentos, coisas dispensadas, sucata, lixo. Tudo isso é recriado, transformado, ressuscitado em aglomerados de peças (idiomorfos) que compõem a obra.

Os lençóis, Bispo metamorfoseou em estandartes; o cobertor no Manto da Apresentação; o uniforme em fardões e linha para o bordado; a madeira em barcos e

cetros; os objetos de plástico, metal, os de uso pessoal, de jardinagem, peças de carro, Bispo metamorfoseou em assemblages. A unidade no mosaico de isomorfos se dá pela singularidade obtida pelas diferenças entre os isomorfos. Cada metamorfose exemplificada acima pode, assim, ser entendida por um mosaico de isomorfos devido à singularidade obtida nas transformações pensadas por Arthur Bispo do Rosário, constituindo a unidade de alta complexidade que é o conjunto das diferenças na obra desse artista.

Uma infinidade de peças. O universo de Bispo traz um contraste: tamanha estranheza, diante de coisas tão corriqueiras; tamanha poesia a partir do quase nada. O universo que fala de um desejo que não se entrega, de uma vontade incansável de existir.

A Teoria das Estranhezas existe concretamente através dos mosaicos de isomorfos, esses, por sua vez, são resultantes de transformações reversíveis não-fechadas. Arthur Bispo do Rosário passou sua vida executando essas transformações, protomorfos em idiomorfos. Suas transformações resultaram em mosaicos de arte, de esperança, de dedicação, de vida. Para alguns, transformações eternas, para outros, nem tanto. Após sua morte, houve pressão dos funcionários da Colônia Juliano Moreira para que todo aquele universo fosse desmembrado, selecionado, domesticado. Que os utensílios voltassem para suas funções anteriores, que fossem reaproveitados: as canecas no refeitório, os lençóis sobre as camas. E que o resto se tratasse mesmo como resto.

Contudo, o que alguns ainda não se davam conta é que uma vez revertida uma transformação o resultado nunca mais seria o mesmo do seu início, pois são transformações reversíveis não-fechadas. Uma transformação desfeita carrega consigo marcas e uma carga pessoal que jamais fará dela igual ao que já foi um dia, se desfaz carregada de experiência, vivência, dor e sentimento. Sempre existirá diferença entre um lençol da Colônia Juliano Moreira e o lençol da Colônia Juliano Moreira transformado por Arthur Bispo do Rosário; mesmo que a transformação seja desfeita por outrem, continuará a ser o lençol e nunca voltará a ser um lençol, as marcas estarão impregnadas nele para sempre.

Toda uma vida dedicada a impregnar marcas em utensílios corriqueiros, retirar o cotidiano do cotidiano. Bispo do Rosário tinha o dom da criação, um deus, construtor de um universo constituído de miniaturas. Ele dizia sobre as miniaturas e sua missão (HIDALGO, 1996, p. 89):

miniaturas que permitem a minha transformação, isso tudo é material existente na terra dos homens. Minha missão é essa, conseguir isso que eu tenho, para no dia próximo eu representar a existência da Terra. É o significado da minha vida.

A missão da vida de Bispo, que era de construir um minimundo e esperar a morte para entregar tudo a Deus, o momento da passagem, como ele dizia, seria o grande dia do Juízo Final quando ele encontraria o Criador. Sua labuta nessa missão era incessante e carregada de ritual que ele denominava de transformação.

Bispo aprendeu a se conter, essa transformação acontecia em períodos de isolamento determinados por ele mesmo, podendo chegar a meses, em que enclausurado em sua cela pedia ao guarda que o trancasse, pois, estava se transformando. Bispo

permanecia ali por longos espaços de tempo, recusava refeições, passava fome. Funcionários mais próximos se esforçavam para levar frutas. Era só o que ele consumia. Às vezes, atravessava uma semana somente com copos de água com açúcar. O fim da clausura acontecia quando ele sentia que já estava dominando novamente seu corpo e instinto.

Ninguém chegava perto nos períodos de auto-exílio. Os jejuns prolongados costumavam expor as alucinações e os ossos. Nessa fase de transformação, Bispo quase não falava, a voz ficava baixa. A vizinhança aprendeu a respeitar. Percebeu que ele tinha mais o que fazer. Era nessa fase de isolamento que a arte brotava das mãos endurecidas. A arte de Bispo nascia embutida de sacrifício.

Não se trata de analisar qualquer interno de instituição psiquiátrica, Arthur Bispo do Rosário por si só já era incomum; a maneira como dominava sua doença e seus delírios, como se livrava dos remédios porque minavam sua capacidade de trabalho, como fugia da terapia e das regras e se fazia livre dentro de uma prisão e, sobretudo, como nunca desviou o seu olhar da missão a ele confiada no dia 24 de dezembro de 1938, quando, depois de caminhar dois dias pela cidade do Rio de Janeiro guiado por sete anjos, chegou ao Mosteiro de São Bento e proclamou ter sido enviado por Deus para julgar os vivos e os mortos e cumprir sua missão de catalogar o mundo.

Criar, construir, emendar, catalogar, bordar, fazer, fazer e fazer, liberdade e obrigação, sacrifício e sublimação. As motivações particulares de Arthur Bispo do Rosário impulsionaram as transformações de protomorfos em idiomorfos, uma vez que, tal transformação é sujeito dependente, ou seja, estão ligadas ao desejo e à liberdade.

É inevitável perceber a semelhança entre Bispo do Rosário e Ued Maluf, autor da Teoria das Estranhezas, ao utilizarem a palavra “transformação”. A sucessão das transformações iteradas é a base para a formação do mosaico de isomorfos, na Teoria das Estranhezas, se dá através da preservação de algo (protomorfos) sob formatos múltiplos (idiomorfos), sendo essas transformações reversíveis não-fechadas, como já mencionado anteriormente.

Arthur Bispo do Rosário vivenciava o princípio dessa transformação ao se metamorfosear em um representante direto de Deus, aí em sua própria transformação, nos períodos de reclusão em que o ato criador estava exacerbado, com a missão de catalogar o mundo. Ainda é possível perceber que enquanto Bispo estava passando por sua transformação pessoal estava colocando a transformação reversível não-fechada da Teoria de Ued Maluf em prática, pois, passava meses concentrado em lidar com protomorfos e idiomorfos. É possível dizer que acontecia um isotropismo, ou seja, transformações de transformações se produzindo em todas as direções.

Para finalizar, temporariamente, o casamento entre Arthur Bispo do Rosário e a Teoria das Estranhezas a proposta é, a partir do todo, da unidade de alta complexidade, visualizar uma parte, um mosaico de isomorfos, ou seja, da obra de Bispo do Rosário escolher o Manto da Apresentação para desenvolver uma análise mais detalhada.

O Manto da Apresentação é uma obra única e merece um olhar especial por seu caráter emblemático, sua complexidade artística e seu conteúdo revelador da vida e da intencionalidade do artista.

Uma vestimenta que mais parece uma casula contendo por estampa bordados que revelam a vida, as lembranças e as memórias de seu criador, são fragmentos de uma existência. Bispo não falava de sua história pessoal, mas no Manto sua biografia se revela, são facetas e símbolos que se transformam em trajetória de vida. Pode-se dizer que Arthur Bispo do Rosário bordou sua autobiografia, um retrato de seu tempo com protomorfos que se transformarão em idiomorfos a cada olhar, a cada lembrança que ele suscitar.

Internamente, esse mesmo manto, menciona todas as pessoas, que estiveram presentes de alguma forma na vida de Bispo do Rosário e que o inventariante considerava dignas de serem apresentadas a Deus juntamente com ele no dia do Juízo Final. Esses nomes carregam a força da promessa de vida eterna. Nomes estão presentes na vida de todo homem; nomes são: tempo, história, saudade, mágoa, culpa, amor, ódio, frustração.

O interior do Manto da Apresentação, sob o olhar da Teoria das Estranhezas, torna-se o mosaico da revelação, um mosaico de isomorfos em que, pela propriedade da reversibilidade não-reflexiva, a revelação dos escolhidos de Arthur Bispo do Rosário será a face metamorfoseada dos escolhidos de quem o olhar, e vice-versa. São muitos nomes, Rosa, Julia, Leoni, Laura, Maria, Alda, o peso e o significado contidos nesses nomes é particular, traz lembranças boas ou ruins, dependerá sempre de quem fizer a leitura, será sempre um momento de revelação pessoal. Bispo do Rosário compartilhou a seleção de nomes feita por ele, mas a interpretação é particular, o que um nome trazia para ele de carga de lembrança, trauma, saudade, pra outros pode não ter o menor valor. A fluidez do mosaico fará dele infinito. O autor da Teoria das Estranhezas explica a propriedade da reversibilidade não-reflexiva da seguinte maneira (2005, p. 11):

essa não-reflexividade constitui um fundamento genético de tudo quanto é movimento, mudança ou transformação; de modo especial, institui a dinâmica das transformações que acompanham as reversibilidades – reversibilidades não-reflexivas. Tais reversibilidades, ao refluírem para um passado, nele imprimem a não-reflexibilidade, e, por isso, ecoam nesse passado, resvalando, de volta, para o futuro... que, também, se torna não-reflexivo, reverberando, de volta... num “processo que nunca tem fim”, como no conto Un Sueño, de Jorge Luis Borges.

Nomes possuem significados e histórias pessoais, por isso, a importância do sujeito, o manto será como um caleidoscópio, dependendo do modo de olhar surgirá um novo significado, dependendo do nome encontrado, para um fluirá alegria, para outros raiva, novas sensações surgirão a cada pessoa que conhecer o Manto da Apresentação e Arthur Bispo do Rosário.

A análise de Bispo do Rosário segundo o princípio do mosaico fluido, desvelou um olhar que se contrapôs às teorias dominantes e, além disso, permitiu compreender com amplitude a complexidade e a subjetividade fluida de sua obra. Um homem simples e complexo, um artesanato que se fez arte, a pretensão desse homem era o céu, mas conquistou o mundo. Um ser humano instigante e autêntico, que merece

dedicação e estudo, respeito e admiração. A passagem se deu, Bispo do Rosário foi reconhecido pelos homens, não como deus, mas como artista, muito há para revelar sobre sua obra, pois, o processo não tem fim, se é que esse lugar denominado fim existe.

Referências Bibliográficas

AGUILAR, Nelson. Brasil em Veneza: Arthur Bispo do Rosário e Nuno Ramos. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1995.

BURROWES, Patrícia. O universo segundo Arthur Bispo do Rosário. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Mostra do Redescobrimento: Brasil + 500, Imagens do Inconsciente. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

HIDALGO, Luciana. Arthur Bispo do Rosario: O Senhor do Labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LÁZARO, Wilson. Século XX – Arthur Bispo do Rosário. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2007.

MALUF, Ued. Cultura e Mosaico: Introdução à Teoria das Estranhezas. Rio de Janeiro: Book Link, 2002.

MALUF, Ued (Org.). Reversibilidades não-reflexivas: Um rompimento nas barreiras da ordem. Rio de Janeiro: Book Link, 2005.

SILVA, Jorge Anthonio e. Arthur Bispo do Rosário: Arte e Loucura. São Paulo: Quaisquer, 2003.

Notas

¹ Mestranda do PPG em Ciência da Arte da UFF; especialista em Arte-Educação pela PUC-Minas; licenciada em Educação Artística pela UFRJ. E-mail: aldaita@ig.com.br